

---

# A COMPLEXIDADE DOS TEMPOS ATUAIS: Reflexões psicanalíticas

*The complexity of current times: A psychoanalytical contribution*

**Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn<sup>a</sup>, Mônica Medeiros Kother Macedo<sup>b</sup>**

<sup>a</sup> Psicóloga. Mestre em Psicologia Clínica (CAPES/PUCRS). Professora Assistente da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Psicanalista em formação pela SIG - Sigmund Freud: Associação Psicanalítica. Porto Alegre, RS - Brasil, e-mail: carolina.dockhorn@pucrs.br

<sup>b</sup> Psicóloga, Psicanalista, Mestre em Educação, Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Professora Adjunta e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise e do Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia da Faculdade de Psicologia da PUCRS, Porto Alegre, RS - Brasil, e-mail monicakm@pucrs.br

---

## **Resumo**

O artigo apresenta uma leitura psicanalítica a respeito da complexidade dos tempos atuais. Para tanto, é feito um percurso tomando como ponto de partida as características da modernidade chegando até uma apresentação de aspectos relevantes da pós-modernidade. Destacam-se as características mais fundamentais da cultura atual, uma vez que na pós-modernidade ocorre a vivência do efêmero, do fragmentário, do caótico, a instabilidade da linguagem e dos discursos, sem qualquer legitimação do passado. Avalia-se, portanto, a contribuição da Psicanálise na compreensão da complexidade que predomina nos dias de hoje. Aborda-se o uso de recursos teóricos e técnicos da Psicanálise como forma de resgate de um espaço de singularidade e liberdade do sujeito. Considera-se que não apenas os referenciais teóricos psicanalíticos sustentam uma compreensão profunda da atualidade, como também segue vigente a técnica analítica, na medida em que oferece, em contrapartida às demandas culturais atuais, um espaço de escuta diferenciada. A Psicanálise, ao dar destaque ao singular, cria um espaço de atenção e cuidado ao processo de construção da subjetividade, permanentemente convocada à massificação pela cultura atual. Conclui-se que uma contribuição psicanalítica pertinente à época atual envolve a possibilidade de construção de um espaço aonde o intrapsíquico é priorizado, a singularidade respeitada e a implicação do sujeito em seu padecimento podem ser escutadas.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Pós-modernidade; Escuta psicanalítica.

### **Abstract**

*The article presents a psychoanalytical reading about the complexity of current times. Thus a journey is made taking as a point of departure the characteristics of modernity up to a presentation of relevant aspects of post-modernity. Among them we would like to mention as most relevant the most fundamental characteristics of current culture, since in post-modernity occurs the living of the ephemeron, fragmented, chaotic, the instability of language and speeches without any legitimization of the past. Evaluates therefore, the contribution of Psychoanalysis in understanding the complexity that dominates today. It is the use of theoretical and technical resources of Psychoanalysis as a way to rescue an area of freedom and uniqueness of the subject. It is considered that not only the theoretical references psychoanalytical support of a thorough understanding of today, but also follow the existing analytical technique, to the extent that it offers, in contrast to the current cultural demands, a space of listening in a different way. A Psychoanalysis, by giving prominence to the natural, creates an area of attention and care to the process of construction of subjectivity, permanently convened by the mass culture today. It is concluded that a psychoanalytical contribution relevant to the current season involves the possibility of building a space where the intrapsíquico is prioritized, the singularity respected and involvement of the subject in his suffering can be tapped.*

**Keywords:** *Psychoanalysis; Post-modernity; Psychoanalytical listening.*

### **INTRODUÇÃO**

A Psicanálise nasceu na Viena vitoriana, com Sigmund Freud. No final do século XIX, o jovem neurologista trabalhava entusiasmadamente com o emprego da hipnose, com a utilização do método catártico e com os efeitos obtidos pela aplicação da técnica sugestiva. Sua clínica refletia os estudos realizados com Charcot, Lièbault e Bernheim, Breuer e de trocas com Fliess. À medida que prossegue em sua trajetória teórico-clínica, contudo, percebe que na aplicabilidade desse método não haveria espaço para o tema da sexualidade, o qual se revelava cada vez mais importante. Quanto mais se afastava da sugestão e da persuasão, mais se aproximava da ideia de propor ao paciente que simplesmente comunicasse tudo o que lhe ocorresse, sem deixar de revelar algo que lhe parecesse insignificante, vergonhoso ou doloroso. Surge a Associação Livre, regra fundamental que marca o surgimento da Psicanálise (Falcão, Krug & Macedo, 2002). Freud demarca, assim, a preocupação em possibilitar ao homem o resgate de sua liberdade e autonomia, a partir de um método de tratamento que prioriza a escuta e a singularidade de uma história, prescindindo-se de pré-conceitos e buscando, a partir desses fatores prioritários, a compreensão do funcionamento mental e da patologia.

A publicação de *A Interpretação de Sonhos*, em 1900, relaciona o início do século XX com a invenção de uma nova ciência – a Psicanálise – e de uma subjetividade, que tem, na histeria, seu paradigma. Freud (1917/1976a) descentra a patologia do campo físico, o psíquico, do campo da consciência; descentra o homem da onipotência antropocêntrica, afirmando que ele já não mais era o dono da sua própria casa, provocando um duro golpe narcísico. Apresenta, então, o Inconsciente, justificado, de forma *necessária e legítima*. O caráter de necessidade diz respeito à presença de inúmeras lacunas entre os conteúdos da Consciência, tanto entre indivíduos sadios, quanto entre os enfermos; proposição que também é legítima na medida em que sua postulação está em total acordo com o percorrido teórico-técnico da Psicanálise (Freud, 1915/1976b).

Freud (1924[1923]/1976c, p. 250) destaca, também, a validade da Associação Livre, considerando que de fato ela não é assim tão livre, “porquanto após suprimidos todos os protótipos intelectuais conscientes as idéias que emergissem pareceriam ser determinadas pelo material inconsciente.” Ao analista cabe a Atenção Flutuante, escutando o paciente sem o privilégio, *a priori*, de qualquer elemento do seu discurso, deixando funcionar o mais livremente possível a atitude de

escuta psicanalítica (Laplanche & Pontalis, 1994). Será, portanto, via escuta de narrativas ativas de um sujeito *acordado*, de seu discurso cheio de lacunas, da presença e ausência da palavra que o paciente passa a ser escutado pela Psicanálise.

Delimitando o Inconsciente como seu objeto de estudo, a Psicanálise prossegue com importantes formulações teóricas – sexualidade, desejo, recalçamento, pulsão, transferência, complexo de Édipo, narcisismo, etc. – abarcadas, fundamentalmente, nos artigos metapsicológicos de 1914-15. Com sua metapsicologia, Freud aponta para a compreensão psicanalítica do psiquismo em três níveis: tópico, dinâmico e econômico. Percebe-se nas complexas relações estabelecidas entre os conceitos, o desafio ao qual deve atender a escuta analítica. Assim, a clínica é sempre o espaço gerador de reformulações e de acolhimento à capacidade interrogativa frente aos fenômenos humanos.

O ano de 1920 faz com que Freud ocupe-se de uma dinâmica de funcionamento psíquico que destrona o domínio do princípio do prazer. Dessa forma, constata a força da compulsão à repetição e, conseqüentemente, formula um novo dualismo pulsional. A Psicanálise amplia-se dando conta, também, do que está além do Princípio do Prazer, do mortífero, do não-representado.

A técnica acompanha a evolução teórica. Reflexões sobre a transferência, contratransferência, frequência, duração do processo analítico, formulação de recomendações quanto à técnica, marcam essa evolução. Permanentemente associada às postulações da teoria psicanalítica, a concepção técnica avança desde um ponto inicial de tradução – tornar consciente o inconsciente – até um espaço de intersubjetividade, circulação e representação do pulsional, cujo objetivo é sua transformação no sentido do desejo. O analista passa a estar totalmente implicado no processo analítico, devendo ocupar o lugar de objeto da pulsão e de sujeito da ação terapêutica (Castiel & Falcão, 2005). O fenômeno transferencial permite ampliar as condições da escuta para além de uma postura de deciframento ou de busca de verdade material.

Esse breve olhar sobre a história da teoria e da técnica psicanalítica evidencia uma marcante característica de Freud: a capacidade interrogativa. E assim também é a sua criação. Nascida no seio de importantes reflexões a respeito dos padecimentos humanos, no confronto entre a restrição do psíquico

à existência da consciência e o desconhecido descortinado pela alusão às forças inconscientes, a Psicanálise, desde o início, sofreu fortes represálias e resistências. A exigência feita à mente por algo que é novo, o dispêndio psíquico que demanda, a incerteza alçada até a ansiosa expectativa que traz consigo é fonte de desprazer, pontua Freud em 1925, ao tratar das resistências à Psicanálise (Freud, 1925[1924]/1976d). Acusaram-na de ser uma teoria pansexualista, de representar um perigo social por ser inamistosa à cultura e por introduzir a desordem moral, de ciência judaica. Todavia, apesar disso, a Psicanálise cresceu e se complexizou: ampliou-se tanto como teoria, como método e técnica. Buscou compreender os fenômenos no âmbito individual, no campo social, incluiu as contribuições artísticas e o processo de desenvolvimento cultural em seu amplo olhar sobre o humano e suas implicações. Calçou e conquistou papel de destaque, ganhou prestígio.

Mas, nos dias de hoje, tal prestígio se mantém? Mesmo essa simples questão, que mais beira uma constatação, torna-se difícil de ser respondida. Como terapêutica, é facilmente verificado que a Psicanálise perdeu muito terreno para outros tipos de tratamentos, como os que preconizam uma espécie de dissociação entre o sujeito e suas células, seu corpo ou sua química. Os recursos farmacológicos prometem a cura sem esforço, trata-se de equilibrar os níveis de determinadas substâncias químicas produzidas pelo organismo biológico, evitando qualquer modalidade de padecimento e, isso tudo a qualquer custo, até mesmo o da dessubjetivação. O sujeito parece não precisar mais “implicar-se” em seu próprio padecimento. Ao descrever o sujeito da contemporaneidade, Maia (2003, p. 78) destaca que “nessa imagem social construída para o sujeito, não existe lugar para afetos humanos básicos: a angústia e a tristeza são banidas do ideário pós-moderno e, a qualquer sinal de sua proximidade, o indivíduo deve acessar dispositivos para sedá-las - antidepressivos e drogas as mais diversas.”

A constatação desses aspectos faz com que, além da reflexão sobre o “prestígio” da Psicanálise nos tempos atuais pareça pertinente, também, o questionamento sobre a complexidade do tempo que vivemos. Fala-se, hoje, de tempos pós-modernos, mas o que é exatamente a pós-modernidade? Para entendê-la, é preciso analisar a modernidade e as mudanças de paradigmas que ocorrem, demarcando o seu fim.

## **Modernidade e pós-modernidade: Perspectivas teóricas**

Para Giddens (1992), a modernidade está relacionada a uma gama de costumes, estilos e organização social surgidos inicialmente na Europa, durante o século XVII, vindo a ganhar, posteriormente, influência mundial. A transição da Idade Média para a Idade Moderna é marcada pela passagem de um modo de produção feudal, para um modo de produção capitalista. Há a ascensão da burguesia e progressiva crise na Igreja, que perde poder e prestígio, dando lugar à razão e à possibilidade humana de pensar e explicar o mundo. Nesse sentido, se estabelece a metáfora da *Morte de Deus*, formulada por Nietzsche e retomada por Heidegger: diante da morte de Deus, o homem passa a acreditar que seria o legislador da natureza e da sociedade.

Segundo Millan (2002, p. 39) “o imperativo da razão como meio de conhecer e compreender o universo avança sobre a vida em sociedade, questionando os destinos históricos, os estratos sociais e os preconceitos do passado. Um tom revolucionário vai tingindo a existência individual, fecundando novos paradigmas de liberdade, direitos e bem-estar.” O autor observa que o pensamento iluminista inaugurou um novo período em que o tempo passou a ser o presente realizador dos ideais humanistas e o futuro desconhecido, ilimitado, imprevisível e pleno em potencialidades. Sob a égide do progresso, os pensadores iluministas deixaram para trás a determinação divina do tempo e da história.

Na modernidade estão imbuídas características paradoxais, como a transitoriedade e o imutável, na medida em que, simultaneamente, a dinâmica das transformações históricas ganha terreno e o homem busca um saber racional, perene e universalizante. Conforme destaca Birman (2002a), o enunciado válido passou a ser o de que, pela razão e pelo saber, os homens seriam capazes de transformar suas existências individual e coletiva, em um movimento de aperfeiçoamento contínuo. No projeto moderno, a felicidade humana seria alcançada pela razão e pelo saber. O aperfeiçoamento do espírito humano, que deveria incluir a todos de maneira indiscriminada, seria a via pela qual a felicidade seria possível de ser atingida por todos.

No início do século XX, Nietzsche, Einstein e Freud, a partir de seus campos de saber, são responsáveis pelo forte abalo sofrido nos paradigmas iluministas da modernidade. Ao

começar a se ocupar também da cultura, Freud tornou evidente uma crítica contundente à modernidade, ao apontar, por exemplo, a dita “moral sexual civilizada” como causadora de muitas enfermidades mentais. Nesse sentido, Birman (2002a) considera que o postulado freudiano de que o mal-estar seria inerente à modernidade opôs-se ao proposto pelo Iluminismo, sendo até mesmo uma crítica aos pressupostos deste. Segundo o autor, o mal-estar, fruto da modernidade, produzido “de maneira progressiva e abrangente, seria a revelação maior de que o ideal ético do Iluminismo se mostrou impossível de ser atingido. A tal felicidade, nos registros individual e coletivo, não foi realizada, ficando aquém do esperado, provocando decepção e mal-estar.”

A passagem da modernidade para a pós-modernidade é um tanto obscura, pois nem ao menos se sabe se tudo o que foi a modernidade está definitivamente extinto em nossos dias ou se o que é vivido ainda são ressonâncias desse paradigma. Nesse sentido, a pós-modernidade pode ser entendida como uma extensão da modernidade, ou como uma tentativa de ruptura com tais ideais.

No final do século XIX e início do século XX ocorre uma verdadeira crise na ciência e no saber filosófico, provocada, sobretudo, pelo impacto do desenvolvimento tecnológico sobre o saber. Desde então, conceitos iluministas como os de racionalidade, progresso, humanismo estão sendo revistos, dando lugar a novos paradigmas, relacionados ao cenário cibernético da atualidade, como, por exemplo, eficácia, *performance*, aumento da potência. Contudo, alguns conceitos iluministas ainda recebem forte destaque nos tempos atuais, tais como a defesa dos direitos humanos. Millan (2002, p. 50) considera que “seria errôneo afirmar que a filosofia iluminista se perdeu como um todo; ela tomou outras formas e também perdeu, em parte, sua força.”

Na pós-modernidade, dissolveram-se as modernas instâncias reguladoras, ordenadoras das subjetividades e dos laços sociais. O enfraquecimento do Estado, partidos políticos e órgãos de classe, efeito do intenso processo de globalização e neoliberalismo, provocam a fragmentação do social, constituindo sociedades marcadas pelo desaparecimento dos agenciadores que se mantinham presentes na modernidade (Birman, 2002a). Nas palavras de Millan (2002, p. 52), percebem-se as transformações decorrentes da pós-modernidade: “o pós-moderno é caracterizado pelo fato de ter

sepultado de uma vez por todas, os remanescentes do arcaico, os resíduos de um passado que o moderno ainda lograra conservar. O próprio passado perde o sentido, juntamente com a historicidade e a memória coletiva.” Assim, o que é pós-moderno refere-se ao privilégio da mudança e do heterogêneo, desconfiança dos discursos universalizantes, vivência do efêmero, do fragmentário, do caótico, instabilidade da linguagem e dos discursos, sem qualquer legitimação do passado. São estatutos desse tempo pós-moderno, a *cultura do narcisismo* – evidenciando um mundo centrado no Eu, no qual a individualidade é sempre autorreferente e a estetização é a finalidade maior do sujeito – e a *sociedade do espetáculo* – apontando a exigência do espetáculo como catalisador dos laços sociais. Para Maia (2003, p. 78), na contemporaneidade, “os laços afetivos precisam gerar prazer imediato e, quando por ventura aparece qualquer ameaça de sofrimento, o outro é descartado rapidamente para preservar a ilusória sensação de felicidade - atributo fundamental e irrevogável das individualidades contemporâneas.”

E que subjetividades marcam esses dois tempos da história humana? Ao examinar o tema da modernidade, Freud aponta para o mal-estar estrutural presente nessa organização cultural. Nesse sentido, Macedo (2003, p. 164) considera que “ao prometer um lugar de primazia à razão, o sujeito descuidou-se da subjetividade; ao insistir no predomínio dos discursos racionalistas, afastou-se da noção de alteridade como valor.” Ainda segundo a autora, ao propor normas para produzir, supostamente, igualdades cada vez maiores, o homem abriu espaços de desigualdades, dissolvendo laços sociais e diminuindo espaços de subjetividade.

A tese freudiana é de que o sujeito seria descentrado. A ideia fundamental de um descentramento do sujeito condensa múltiplos sentidos: não apenas o descentramento da consciência para o inconsciente, mas também do eu para o outro (narcisismo) e o maior e mais radical dos descentramentos - que se fundamenta na concepção de pulsão. Pulsão como força e como pulsão de morte, ameaçando permanentemente a subjetividade, dissolvendo o Eu, a consciência e o outro (Matteo, 2003).

No ideário moderno de revolução, a partir do qual reinava uma crença transformadora, Freud apresenta o desejo como o catalisador possível das transformações da individualidade, através do qual é possível a reinvenção da sua história. E foi na

passagem da modernidade para a pós-modernidade que algo da ordem do sujeito e do desejo se transformou radicalmente. O desejo já não mais é visto pelo sujeito como um instrumento de modificação e reinvenção de si mesmo, da ordem social e do mundo. Ao contrário, os destinos do desejo apontam para uma direção exibicionista e autocentrada, na qual o espaço de intersubjetividade torna-se esvaziado e desinvestido. Nas novas formas de subjetivação, o eu encontra-se em posição privilegiada e, segundo Birman (2002b), a experiência psicanalítica está exatamente na contramão desse movimento, o qual exalta o eu colocando-o no centro de um palco a desempenhar um papel que visa responder a uma convocatória exibicionista ao expor uma pseudopotência, encobridora de sua efetiva condição de desamparo. Ao fascinar o olhar do outro, o sujeito busca nessa imagem algo que o defina e dê contornos de identidade para seu vazio identitário.

A sociedade pós-moderna organizada em torno do consumo basta-se sem normas, é orientada pela sedução, por querer voláteis e desejos crescentes. O principal da vida diz respeito a estar sempre pronto, a ter a capacidade de aproveitar a oportunidade quando ela se apresentar, a desenvolver novos desejos para as novas seduções que serão sempre indispensáveis. Há uma crescente mercantilização de todos os domínios da experiência humana. De fato, o sujeito cede à lógica mercantil e consumista dos territórios outrora privatizados de seu corpo e sua “alma”, seu mundo interior: esforça-se em tornar seu corpo o espelho dos modelos vendidos como perfeitos e idealizados, enquanto sua “alma” vaga dos psicofármacos aos livros de autoajuda, do programa mediático de TV ao redemoinho alienante da indústria do entretenimento, em busca de alguma paz ou anestesia, hoje quase sinônimos. A dialética do desejo e da falta mostra-se, assim, sem consistência: enquanto ela deveria permitir ao sujeito deparar-se com o vazio, possibilitando o despertar do desejo, o que ocorre, de fato, é uma necessidade contínua de por fim à falta, instaurando um novo objeto, um novo produto, um novo falo que bloquearia qualquer alusão ao vazio. Segundo Homem (2003, p. 4), reside aí “o aspecto mais árduo da descartabilidade, uma vez que obriga o sujeito a acorrentar-se a inúmeros objetos, acabando por não exercer seu desejo que, paralisado e perdido, coloca-o no lugar de não-ser.” Nessa linha de raciocínio, encontra-se

o que descreve Bauman (2004, p. 82) sobre as “facilidades” de comunicação na contemporaneidade. O autor destaca que “a distância não é mais obstáculo para se entrar em contato – mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte. Os espasmos de proximidade virtual terminam, idealmente, sem sobras nem sedimentos permanentes.” O espaço da virtualidade brinda ao sujeito com a possibilidade da proximidade distanciada, limitada, controlada. Aliás, a exigência de habilidades decorrentes das vivências de permanência ou de intimidade parece ser um problema a ser evitado.

### O lugar da psicanálise

Pelo exposto até aqui, a Psicanálise demarca-se eficientemente como uma ferramenta de reflexão, entendimento e questionamento dos fenômenos humanos, na modernidade - época em que surgiu - e, também, na complexidade dos tempos atuais. Freud (1910a/1976e), estimulado a pensar sobre o futuro da Psicanálise, aponta para a necessidade de avanços, tanto no campo teórico, como no da técnica, marcando a importância do trabalho contínuo e da visão de que a Psicanálise jamais estará acabada, demandando, portanto, constantes revisões e reformulações, de modo a não se tornar uma ortopedia e, conseqüentemente, uma ciência estanque.

Da mesma forma, no texto *A Questão da Análise Leiga*, Freud (1926/1976f) discute a necessidade e importância da formação analítica, como forma de garantir a especificidade da Psicanálise, impedindo-a de ‘se subverter a ordem’, isto é, impedindo-a de se tornar uma técnica de selvageria, perversa, tal como a descrita em *Psicanálise Silvestre* (FREUD, 1910b/1976g), por exemplo. Fica destacada, então, a seriedade da ciência psicanalítica e a preocupação em mantê-la num lugar de possibilidade de questionar, refletir, proporcionar análise dos fenômenos humanos. Mantendo esta especificidade, o futuro da Psicanálise garante-se, na medida em que seus construtos teóricos mais elementares – Inconscientes, Pulsão, transferência – dão conta de compreender o fenômeno humano no seu mais profundo e, assim, em qualquer época.

Buscando compreender a cultura atual e utilizando os construtos psicanalíticos e o exercício de uma Psicanálise apoiada em uma formação

consistente – análise pessoal, estudo teórico e supervisão - pode-se questionar o que é possível esperar da Psicanálise hoje em dia. O que é possível oferecer com a Psicanálise hoje em dia?

Responder a essas questões implica constatar a possibilidade de situar-se na contramão das demandas da contemporaneidade tanto ou quanto Freud já esteve em sua época. Estar na contramão, no sentido de buscar e acreditar na possibilidade de transitar em outra via. Trata-se de um percurso no qual o Eu possa experimentar um processo de desconstrução de certezas, de fuga ao fascínio das imagens, de enfrentar-se com o vazio e a falta descobrindo, assim, a fecundidade de uma experiência de autonomia e liberdade viabilizada por um genuíno processo de conhecimento do si mesmo. Significa poder trilhar um outro caminho - o caminho transferencial - de intersubjetividade, que permita ao sujeito romper com o pacto atual de cultura do narcisismo e do espetáculo. Na pós-modernidade, os indicativos de sucesso não mais são buscados na própria vivência de satisfação, tornando-se necessário *ter* mais que o outro e perdendo-se, com isto, a capacidade de investimento no *ser*. O que a Psicanálise oferece nessa proposição de estar na contramão, é o acesso à reflexão, trabalho psíquico, elaboração, envolvimento afetivo, investimento libidinal no Eu e no outro. O que se pode esperar da Psicanálise é a construção de um espaço onde o intrapsíquico é priorizado, a singularidade respeitada e a implicação do sujeito em seu padecimento pode ser escutada. Busca-se, dessa forma, possibilitar trocas intersubjetivas mais ricas e menos fugazes, narcísicas, perversas, vazias. O que se pode esperar é um espaço onde o desejo possa ser reconhecido, onde o sujeito reconheça-se como ser desejante. É pela via da transferência que, na Psicanálise, analistas e analisando, juntos, no campo intersubjetivo, caminham em direção à singularidade do sujeito, possibilitando a ele a apropriação de seus desejos. Ao analista cabe abrir possibilidades ao paciente de novas simbolizações de seus conteúdos inconscientes. É pela transferência que a via da repetição pode ser quebrada.

Em 1905, Freud (1905[1904]/1976h) propõe a seguinte analogia, a partir da diferença entre pintura e escultura estabelecida por Leonardo da Vinci, visando demarcar as diferenças entre o trabalho psicanalítico e o trabalho sugestivo. Cabe à Psicanálise, assim como a um escultor – *per via de levare* – retirar do material bruto a forma que a pedra

contém. Para isso é necessário acreditar que a escultura, como forma final, está contida na pedra. Em analogia ao trabalho psicanalítico, é necessário que o analista acredite na validade de sua técnica, neutralidade e recusas, já que a forma está ligada mais à potencialidade da pedra do que ao desejo indutivo do escultor. Dependerá de sua destreza com os instrumentos para que a forma que aflore seja intrínseca daquela pedra. Na técnica sugestiva, assim como na pintura – per via de porre – caberá ao pintor a colocação das tintas: à aplicação sucede a espera de que algo surja. É necessário acrescentar e não retirar. Nesse trabalho não há tempo anterior, nada na tela precede o ato do pintor sobre ela, formas e cores de seu próprio desejo e é o mundo do pintor que se desvela no ato de pintar (Macedo, 2002).

Percebe-se nesta a analogia proposta por Freud, o convite contemporâneo de ocupar o lugar do pintor. A busca frenética por respostas, alívio, apaziguamento do sofrimento, anestesia, investe em um caminho no qual a solução destes aponta para o que é “do fora pra dentro”, exemplificado no movimento de recorrer às medicações, aos livros de autoajuda, às cartomantes. Este, contudo, não é o caminho da Psicanálise, a qual desde seu início, desde Freud, insiste em demarcar as diferenças e a longa distância das técnicas de sugestão. Ao dar respostas ao sujeito, furtando-lhe o direito de construí-las desde si mesmo, lhe é imposto um desejo que não é o dele, lhe é dado cores e formas que são, na verdade, do pintor. Assim, nesse movimento de apropriação do espaço do outro, do que lhe é singular, a cultura da padronização, o culto aos modelos, a imposição do homogêneo ganha espaço.

O que demanda o trabalho psicanalítico é uma convocação no sentido de que o psicanalista se apresente inteiro para a experiência de afetação mútua que qualifica a clínica psicanalítica. Só assim será possível transpor as couraças com as quais as individualidades empobrecidas se resguardam e se escondem. Só assim será possível transformar o encontro analítico em um espaço de simbolização, de representação, de criação, de reconhecimento. Trata-se, portanto, de reconhecer, segundo Macedo (2003, p. 174):

A necessidade de uma escuta diferenciada do padecimento psíquico ser, por conseguinte, vigente. Torna-se imperioso não minimizar a importância e as conseqüências de tal padecimento, uma vez que o ser humano, atualmente, parece não ter tempo para si e passa,

por isso, a maior parte de sua vida tentando distanciar-se, primeiro de si mesmo, para depois evitar a qualquer custo, uma experiência de alteridade. Precisa correr tanto que já não sabe se a pressa tem a ver com o que busca ou se está aprisionado na impossibilidade de parar por não saber o que encontrará ao olhar-se.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicanálise oferece, justamente, um espaço de escuta diferenciada; um espaço, no qual valores esquecidos, sentimentos sufocados, medos, angústias podem ser compartilhados, no tempo certo, sem a pressa e a pressão. Um espaço revolucionário, como defende Derrida (2001). Um espaço radical. Um espaço dialético. Um espaço onde o novo possa ser criado e recriado.

A maior riqueza da Psicanálise reside na herança deixada por seu criador: uma obra com ferramentas que viabilizam uma inesgotável capacidade de exercer um olhar reflexivo a respeito da complexidade humana. Sigmund Freud deixou-nos como legado uma obra em aberto. Como uma porta entreaberta, a Psicanálise anuncia, à chegada de novos tempos, a exigência de novas reflexões. A complexidade dos tempos atuais exige a coragem de adentrar e transitar por vias de contramão.

## REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2004). **Amor líquido: Sobre a fragilidade das relações humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Birman, J. (2002a). **Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização e história.
- Birman, J. (2002b). Subjetividade, contemporaneidade e educação. In V. Candau (Org.). **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. (pp. 11-28). Rio de Janeiro: DP&A.
- Castiel, S., & Falcão, C. N. B. (2005). A implicação do lugar do analista no destino do processo analítico. In M. M. K Macedo, & L. C Carrasco. **(Con)textos de entrevista: Olhares diversos sobre a interação humana**. (pp. 63-72). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Derrida, J. (2001). **Estados-da-alma da psicanálise: O impossível para além da soberana crueldade**. São Paulo: Escuta.
- Falcão, C., Krug, J., & Macedo, M. (2002). Do passado à atualidade: a psique pede passagem. In: M. M. K. Macedo (Org.). **Neurose: Leituras psicanalíticas**. (pp. 27-58). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Freud, S. (1976a). **Uma dificuldade no caminho da Psicanálise**. (Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1917).
- Freud, S. (1976b). **O Inconsciente**. (Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1915).
- Freud, S. (1976c). **Uma breve descrição da psicanálise**. (Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1924[1923]).
- Freud, S. (1976d). **As resistências à psicanálise**. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1925[1924]).
- Freud, S. (1976e). **Perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica**. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.11). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1910a).
- Freud, S. (1976f). **A questão da análise leiga: Conversações com uma pessoa imparcial**. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1926).
- Freud, S. (1976g). **Psicanálise Silvestre**. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 6). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1910b).
- Freud, S. (1976h). **Sobre a psicoterapia**. (Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol.7). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1905[1904]).
- Giddens, A. (1992). **As consequências da modernidade**. Oeiras: Celta.
- Harvey, D. (1998). **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola.
- Homem, M. L. (2003). Entre próteses e prozacs: O sujeito contemporâneo imerso na descartabilidade da sociedade de consumo. In **Anais, 2. Encontro Mundial Estados Gerais da Psicanálise**, 2003, Rio de Janeiro. Recuperado em 20 dez. 2007, [www.estadorgerais.org.br](http://www.estadorgerais.org.br)
- Laplanche, J., & Pontalis J. B. (1994). **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes.
- Matteo, V. (2003). Psicanálise e destinos da subjetividade na contemporaneidade. In **Anais, 2. Encontro Mundial Estados Gerais da Psicanálise**, 2003, Rio de Janeiro. Recuperado em 20 dez. 2007, [www.estadorgerais.org.br](http://www.estadorgerais.org.br)
- Macedo, M. (2002). Transferência: uma esperada visita inesperada. In M. M. K. Macedo (Org.). **Neurose: Leituras psicanalíticas**. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Macedo, M. (2003). Uma leitura psicanalítica sobre o sofrimento na pós-modernidade. In P. A. Guareschi, A. Pizzinatto, L. L. Krüger, & M. M. K. Macedo. **Psicologia em questão: Reflexões sobre a contemporaneidade**. (pp.163-175). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Maia, M. S. (2003). **Extremos da alma**. Rio de Janeiro: Garamond.
- Millan, M. (2002). **Tempo e subjetividade no mundo contemporâneo: Ressonâncias na clínica psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Recebido: 10/03/2008

Received: 03/10/2008

Aprovado: 20/05/2008

Approved: 05/20/2008